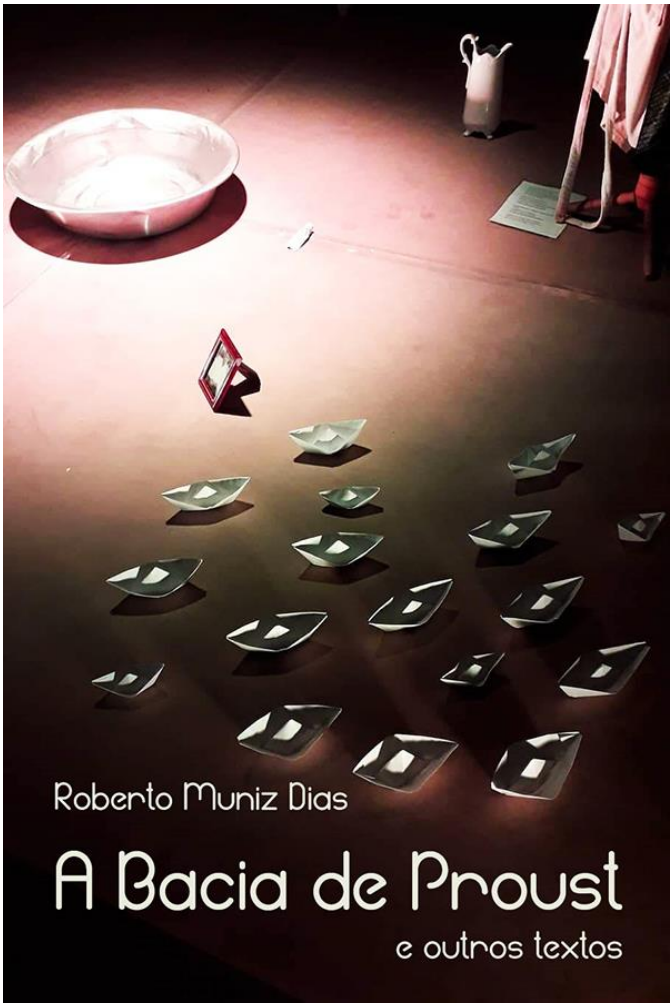
Roberto Muniz Dias
A Bacia de Proust
e outros textos

A Bacia de Proust e outros textos

Copyright © 2019 Roberto Muniz Dias

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida de nenhuma forma, eletrônica ou mecânica, nem arquivada ou disponibilizada por meio de sistemas de informação, sem a expressa permissão do detentor do copyright.

Produção independente

Arte da Capa por ScribaClube

www.robertomunizdias.com

Contato com o autor:

robertomunizdias@gmail.com

1ª Edição

Brasil

A BACIA DE PROUST (e outros textos)

As peças que se encontram reunidas nesta proposta de publicação lidam com temas bastante contemporâneos e que causam muito debate em torno de alguns temas tabus e que dialogam com a pós-modernidade. Aqui se reúnem textos que já foram encenados (A BACIA DE PROUST), premiados (ENTREGA PARA JEZEBEL) entre outros que já foram lidos (Leituras dramáticas) em cidades como São Paulo, Brasília, Goiânia e Teresina. A peça A BACIA DE PROUST é um solo dramático de um homossexual que precisa realizar banhos de assento para curar suas feridas emocionais. Este ritual o coloca em constante questionamento e rememoração de suas atitudes passadas e o envolvimento que tem com um cara que o visita regularmente. Os banhos se tornam uma constante em sua vida e estes momentos de preparação do banho promovem profundo questionamento de sua sexualidade; suas angústias e seu passado lúdico. A peça ENTREGA PARA JEZEBEL tem como protagonista travesti que enfrenta todos os problemas da sociedade e da cidade que a engole viva. Ainda por cima, cuida de Eduardo, menino abandonado pela melhor amiga, cuja tutoria fica ao cargo de Jezebel. Os conflitos desta travesti que ora se vê nas ruas, ora se vê nas funções da maternidade são o leitmotiv desta peça que foi criada para a empregabilidade de artistas

trans no cenário teatral local. A peça O CADERNO VERMELHO DE ATOS IMPUROS trata de uma história de um duplo (com leva inspiração na vida de Pasolinni). O diálogo é travado entre aquele que seria Pasolini e o outro o seu último amante e algoz. A peça se estrutura numa ação dinâmica e psicológica, tentando enveredar pelo caminho dos amantes e sua trágica história. A peça ONDE ESTÁ A REVOLUÇÃO é uma sátira ao estado acirrado de opiniões sobre a questão das ideologias e crenças políticas. Está para um pastiche da obra de Beckett, Esperando Godot, na qual dois malucos tentam criar uma revolução dos comportamentos. A peça DOROTHY tematiza a questão do estupro de vulnerável, um monólogo forte e visceral sobre a vida de uma mulher que viveu este drama.

A Bacia de Proust

Monólogo

Personagem

Pierre Bassin

Cenário

Um quarto oitocentista. França da belle époque. O quarto é soturno. Pouca luz. Uma cama, uma mesa de escrever, outra mesa de centro, livros. Uma bacia ao centro, ao lado uma chaleira. Também há xícaras ao redor.

Cena 1

[Um homem sentado no centro do palco. Ele está sentado sobre uma bacia de alumínio com água. Ao seu redor, pode-se sentir um cheiro que é uma mistura das essências de camomila, alecrim e hamamélis. Para ele, estes cheiros numa infusão ou chá causavam-lhe ânsia de vômito, mas ali, sentado sobre os poderes medicinais destas ervas, ele sentia um alívio existencial, quase um gozo.]

Pierre: Qual a pior tragédia de uma bicha, assumidamente passiva, que, às vezes (enfático), se fazia de ativo para agradar, satisfazendo mais ao prazer do outro e menos ao seu?

O que pode ser tão catastrófico ao ponto de fazer esta pessoa repensar toda uma estrutura criada sobre a mais sólida convicção?

Que fim pode ter esta criatura que está prestes a se esquecer de sua forma de obter prazer e considerar outra maneira?

[Então, ele pega uma chaleira a sua esquerda e coloca mais água na bacia; a água ainda está ligeiramente morna. O alívio parece ainda mais perceptível.]

Pierre: E agora? Como vai ser agora? Vou trocar nomes sujos, que me excitam, por termos medicinais: hesperidina, hidroclorido, acetanilida... vou ficar agora preso a esta fase oral, murmurando estas palavras estranhas?

Por que esta troca tão estúpida, absurda, que veio num momento tão inapropriado? Por quanto tempo ainda o médico vai me fazer ficar aqui, amornando minha fonte de prazer, deixando que estas ervas operem a reparação?

O milagre da cura! Cura! Cura!

Ah! (alívio) E se eu fosse outro? Quer dizer, se eu tivesse outro tipo de desejo? Criar um fetiche? Não! Não vou fazer isso comigo.

Eu dei o meu melhor! Eu me tornei esta criatura que sou agora! O que eu devo fazer é como pensar esta minha nova condição, que vai ser, com certeza, temporária.

[Ele se pega olhando para seu pinto, como se pudesse dialogar com ele e extrair alguma resposta.]

Pierre: Eu nunca pensei que fosse, algum dia da minha vida, conversar contigo. Fazer isso só me leva para algum estágio inicial de loucura, igual a estas hemorroidas que estão me tirando o perfeito juízo.

As dores são incômodas demais e devem estar atingindo meu humor.

Eu nunca tive um tipo de conversa dessas assim! Ficar me questionando ou ao meu próprio pinto, uma conversa tão franca dessa forma.

Por que eu não fiz isso antes?

Por que eu não procurei me entender melhor antes disso tudo?

[Ele pega no pau – observa-o de uma forma admirada – fica manipulando por minutos.]

Pierre: É igual a ficar repetindo o meu nome várias vezes (ainda manipulando o pinto), ouvindo o som familiar e, então, a repetição se torna um mantra insuportável; e te olhar assim, parceiro – é assim que vou te chamar – te olhar assim com tanta frequência não vai me deixar outra opção senão começar esse processo de repetição. Sei lá!

Vou ter que dosar essa situação em que vou te procurar, par-cei-ro!

Talvez eu mude o teu nome. Mas, qual seria o limite da repetição de um nome? (Pausa)

Você tá bem murchinho, hein? Par-cei-ro! Tá começando a ficar enrugadinho também!

Aff! Que situação! Esse cheiro também tá me deixando enjoado. Será que deverei sempre usar essas ervas?

[Ele se levanta. É difícil esconder suas partes íntimas. O corpo nu ainda tem viço em que pese já ter passado dos quarenta. A bunda e o pinto ainda impressionam pela beleza e volume. Pega uma toalha azul e enrola-se.]

Pierre: Nem sempre usei essa bacia (olha e aponta para a bacia da qual saiu). A outra era bem menor. Eu só conseguia colocar parte da bunda. Tinha que ficar acocorado, deixando que a água

alcançasse o lugar certo. Era um exercício difícil. Mas, eu pensava que tudo para mim tinha sido difícil. Não ia ser diferente com a bacia agora. Essa aqui (aponta para ela) é maior.

Um dia, quer dizer, no primeiro dia, ainda usando aquela bacia menor, neste exercício de me equilibrar na ponta dos pés, queimei minha bunda. Além da dor que me persegue, ganhei uma queimadura na bunda.

Por que não uma queimadura logo na bunda, né?

Antes eu tivesse comprado uma bacia maior....

[Ele, então, se aproxima da mesa. Aperta a toalha na cintura. Dirige a atenção para uma foto que pega sobre a mesa.]

Pierre: Maurice... Maurice talvez tenha sido um dos causadores de minhas hemorroidas. Claro, tem estas coisas de herança, genética. Meu pai tinha crises sérias. Lembro-me de uns unguentos com tomate. Nem pensei nesta possibilidade. Talvez, se eu usasse tomates, não teria associado meu enjoo a essas ervas, especialmente, ao alecrim.

[Volta-se para a foto de Maurice, batendo o dedo indicador sobre ela.]

Pierre: Pois é, Maurice! Mas, não foi por conta do tamanho do pau dele. Tinha mais a ver com o jeito que ele me pegava. Sempre aproveitava quando bebíamos um vinho. Na verdade, ele era carinhoso; do tipo até romântico. Mas, com o vinho, ele mudava um pouco. E eu só percebia no dia seguinte. Mas, a dor era compensada com o café da manhã na cama.

Porém, isso não impedia que eu o indagasse pela noite anterior; ele sempre me respondia: "Não deveríamos ter bebido tanto ontem!".

Eu concordava passivamente. Assumia parte daquele pequeno crime. Então, ele sumia por alguns dias e aquela dor me seguia como que me proibindo de me relacionar com outro homem durante sua ausência. Inteligente ele, não?

Aí eu me perguntava, até que ponto aquilo era bom ou ruim e por que, todas as vezes, eu o perdoava. Mas, a culpa era minha por deixar isso demorar tanto tempo.

[Ele pega uma pomada sobre a mesa. Joga a foto sobre a mesa. Abre o tubo, desenroscando a tampa. Coloca um pouco da pomada no dedo indicador, sobe um pouco a toalha e leva o dedo para a parte de trás. Aplica a pomada no ânus.]

Pierre: É nesse ritual que vou. Além de ficar conversando comigo mesmo, vou me tocando desta

forma estranha. A sensação é pior do que as mentiras dos amantes. Este toque é tão invasivo quanto qualquer mentira...

(Pega o tubo) Esta aqui tem propriedades anestesiantes. (Joga o tubo sobre a mesa)

Ficar aqui roçando o dedo me levava do princípio da dor em si até o completo anestesiamento de tudo.

As dores momentaneamente somem. Eu fico mais aliviado.

Aí, posso me dedicar a lembrar de outras coisas.

[Ele pega um papel sobre a mesa. Vai em direção à bacia. Senta-se do lado. Pega alguns papéis e começa a dobrá-los. As dobraduras dão-lhe a forma de um barquinho. Cada um que ele vai fazendo, ele coloca sobre a água.]

Pierre: Eu tenho uma relação estranha com a água. Bem, não seria estranha a palavra certa, mas algo entre o amor e o ódio. Estaria mais para isso. Eu acho!

Escapei de morrer duas vezes na piscina. Eu tinha, acho, que uns 6 ou 7 anos e brincava na piscina para crianças, mas minha cabeça ficava entretida no mergulho dos adultos na piscina maior.

A primeira vez, eu afundei, afundei tanto que não conseguia alcançar a beira da piscina. Parecia brincadeira. Eu tentava me salvar. O desespero era tanto que me tirava qualquer percepção de escapatória. Já não tinha mais fôlego. A brincadeira se tornava uma armadilha. Eu me debatia (começa a bater na água dentro da bacia com a mão espalmada). O desespero só aumentava. Eu já tinha perdido as forças (aumenta a velocidade das batidas).

[Ele perde o controle. Aumenta o desespero. Vira a bacia com todo seu conteúdo. O cheiro de ervas invade o ar.]

Pierre: Eu não queria morrer (recompõe a cena com a bacia no seu lugar, tentando recolher as coisas no chão).

E agora, quando olho para esta bacia, eu sinto que estou morrendo um pouco. De uma certa forma, parece morte ter que controlar o desejo. Este ritual tem demorado semanas.

Como vou administrar as visitas de Maurice? E como vou ficar tanto tempo sem sexo?

Sexo não é vida? E se não tenho sexo, eu vou morrendo pouco a pouco; tal como dar um adeus é morrer um pouco.

[Ele está enxugando o chão molhado com cheiro de ervas, sangue e dor. Sua vontade é de vomitar. Ele vomita no chão!]

Pierre: Eu devo estar doente. Por que é sempre assim? Depois que eu faço a merda, fico doente!

Eu não consigo me esquecer do Maurice. Por mais que eu o julgue culpado, não me parece justo. Inconscientemente, eu permiti porque havia desejo. Eu gostava do sexo dele. Mas, também tinha o carinho. Sei lá! Até mesmo quando terminávamos de trepar e ele ficava coçando o saco e lendo o jornal de dias passados distraidamente. Aquela displicência era quebrada, repentinamente, com um beijo no canto do meu olho.

Eu aprendi que as pessoas só podiam dar o que elas tinham, mesmo que eu pudesse dar o dobro. E o problema que eu tinha nessa relação era esta diferença que eu nunca conseguia equacionar.

(Olha para o vômito) Preciso limpar esta sujeira. Mas, já não tenho coragem.

Meus fluidos estão indo embora. Se isto não for morrer, o que será então a morte? Já não suporto o sangue de minhas entranhas...

E a gente não é só isso: fluidos e desejos num corpo que aprendemos todo tempo a controlar? Somos entradas e saídas, chegadas e partidas.

Mas aí, quando perdemos este controle, tudo desanda. E o amor, que é a parte quase racional do nosso desejo, também pode ser incontrolável. Ficamos reféns do nosso corpo tão frágil.

Mas, ainda enquanto tenho vida, tudo o que me interessa é o sexo. Sem ele, agora, eu sou apenas um corpo ainda mais frágil, atravessado por uma dúvida tão forte quanto desafiadora.

[Ele limpa o vômito.]

Pierre: Sabe, estas histórias ou reportagens que a gente vê nas revistas de medicina, dando conta de estatísticas de tudo?

Pois é, certa vez, eu li uma dessas dizendo que, geralmente, a primeira relação sexual que você teve determina se você vai ser passivo ou ativo. Então, a culpa desta minha predileção para esta modalidade foi inteiramente do Jean.

Eu gostava muito de brincar com os meninos. Eu sempre fui um daqueles bem danados, sabe? Mas, ao mesmo tempo, eu tinha uma fragilidade e inocência tão perceptíveis, que os outros meninos confundiam com um grau – sei lá – de sensibilidade. Era isso! E essa coisa de ser sensível demais era fatal para garotos como eu.

Então, a culpa de ser como eu sou é do Jean e não do Maurice. Maurice só reforçou, digamos

assim. Mas, pensando bem, todos têm sua culpa, em maior ou menor grau.

Mas, e qual é minha (enfático) culpa?

[Ele prepara outro banho de assento. Abre três sachês das ervas, coloca-os dentro da bacia. Depois, vai colocando a água da chaleira aos poucos. Tampa o nariz com uma das mãos.]

Pierre: Que cheiro ruim! Estas plantas medicinais não poderiam ter outros cheiros? Sei lá, flores do campo, jasmim, lavanda ou chocolate?

Ou... quem sabe um cheiro de nostalgia?

[Ele repousa a chaleira no chão. Fecha os olhos e usa as mãos para direcionar os aromas e as essências das ervas para si. Ele esboça uma feição mais plácida. Olhos fechados.]

Pierre: Eu fazia de conta que era uma semente alada, daquelas que invadem os espaços sutilmente, sem aviso...

[Ele usa um instrumento colocando-o dentro da bacia com água e depois sopra, criando inúmeras bolinhas de sabão. As bolinhas começam a invadir o espaço.]

Pierre: ...elas entravam pela janela de meu quarto. Eu estava sempre acuado, com medo. Os braços enlaçavam as pernas junto ao peito. Eu tinha muito medo do mundo lá fora. Mas, as sementes aladas sempre davam um jeito de entrar quando eu estava assim.

Era uma força de liberdade igual à do cometa que transportava aquele menino solitário. Mas, eu nunca tive coragem de pegar carona. Eu tinha sido criado para não fugir e aceitava esta situação como apenas uma mágica manifestação da natureza.

Os meus sonhos permaneciam inertes, que nem as sementes que se juntavam à poeira que as envolvia e as engolia, levando-as para debaixo de minha cama.

E, lá debaixo, eu criava um monstro sem raiz.

[As bolinhas (semente aladas) somem aos poucos. Ele fica espocando as últimas.]

Pierre: ...agora... (inspira o ar de forma intensa) ...agora eu sinto cheiro de carinho, de café da manhã. É dia, eu ouço: "Deus te abençoe, meu filho!" Eu respondo com um beijo nas costas de sua mão. O cheiro de carinho é ainda mais forte. Eu sinto amor, doação, abrigo... agora eu sou um menino mais alegre, mais livre.

Ela me dizia: “Vai comprar a *baguette*”. Eu corria, corria... E lá estavam elas flutuando no céu. Desta vez, não tocavam o chão.

Me convidam para segui-las.

Eu acho que aquelas sementes aladas queriam me tirar o carinho e me dar liberdade.

Mas, para onde elas queriam me levar?

[Ele abre os olhos. A luz muda. Os olhos ainda carregam um pouco de nostalgia.]

Pierre: Eu fui para outro lugar. Não era nem onde estava o carinho, tampouco a liberdade.

Esse lugar era aqui; tão longe de tudo.

Minha mãe sempre dizia: “Volta, meu filho. Não tem nada que te prenda aí; nem filhos, nem um homem”.

Pois é, eu não tenho ninguém. (Pausa) Maurice não é lá uma companhia como todos queriam. Ele não entenderia minha ausência. E se ele aparecer por agora, vai querer trepar comigo. E eu ainda não posso trepar do jeito que gostamos.

Não seria a mesma coisa tê-lo aqui agora. Como vou dizer que não quero o sexo dele; que não quero seus beijos com seu gozo quente dentro de mim? Como dizer isso tudo sem magoá-lo?

Ficar imerso nesta água vai acabar com o viço da minha pele ou isto pode afetar ainda mais meu humor. Num sentido negativo. Não sei como! Mas, parece que isso tudo afeta demais minha libido.

Maurice era a única relação que eu tinha com o mundo de fora. (Pausa)

Ele sempre me traz croissants de chocolate com nozes. Era o que mais eu gostava do mundo lá fora; nem mesmo do sol que me dava tanta alegria. O sol já não entrava com tanta frequência ou insistência. Seria bom tomar um pouco de sol de vez em quando. Dizem que faz bem para a cabeça. Mas, Maurice também me trazia uma espécie de luz, fazia bem para minha saúde mental, me deixava a sensação do que eu chamava de: plenitude temporária.

Ele também dizia que gostava de me comer, que eu tinha o rabo gostoso; que eu o havia seduzido e que ele não entendia por que continuávamos nos encontrando.

Eu sabia o que ele queria ouvir. Já tinha aprendido isso. “Sim, eu gosto de trepar contigo!”.

Ele estendia a mão, e eu dizia: “Da próxima vez, traga mais croissants!”.

Ele contava as cédulas e saía sem me dizer adeus. Ele falava que adeus era muito forte. Parecia que alguma expectativa era criada ali. Para falar a verdade, eu pressentia algum medo de ele demonstrar cuidado.

Por mim, eu cuidaria dele. É um rapaz frágil, apesar daquele corpo bem desenvolvido. Mas, é melhor que fiquemos assim. No fundo, no fundo, cuidar de mim parecia muito mais complicado.

[Ele senta vagarosamente sobre a água. Antes disso, despe-se de costas para a plateia. O corpo não tem mais aquele viço, mas maturidade. Não tem o brilho de Maurice; nem aquele cheiro de Jean, que era puro hormônio masculino.]

Pierre: Hum, isso é muito bom! Tão bom quanto à cunete que ele fazia. A sensação é a mesma, mas eu sentia dor toda vez que Maurice partia.

Aqui, eu sentado sobre estas águas milagrosas, parece que há um certo senso de continuidade, porque faço isso quando quero e não tenho o perigo do adeus me rondando. Simples: "Não quero mais". Aí era só derramar isto tudo no vaso sanitário e dar descarga.

[Ele se deita sobre o chão. O corpo nu se encolhe. Posição fetal de um ser desamparado. De costas para a plateia, começa a relatar a primeira experiência.]

Pierre: Não tinha outro jeito, eu deveria procurar o médico.

Doutor Sebastien de Tassy. Era um jovem, por volta dos seus 30 anos.

“Tivemos que trocar o seu médico. Algum problema?”

Eu disse não! Sentei na sua frente. Ele fez um monte de perguntas:

“Sim, doutor. Relações anais. Não chega a ser compulsivo, mas eu prefiro.”

“Há quantos anos?”

“Bem, nunca parei para pensar nisso. Mas, nem chega aos pés do Oscar Wilde.”

“Alimentação?”

“A alimentação é rica em frutas, doutor. Não tenho cocô duro, nem prisão de ventre.”

“Lubrificação?”

“Sim, sempre.”

“Agora eu vou passar uma solução antisséptica no meu dedo e vou introduzi-lo para averiguar a situação!”

[Ele se levanta. Senta-se de pernas cruzadas. Fala diretamente com a plateia, timidamente.]

Pierre: Sabe, doutor. Há muito tempo que sou assim. Assim deste jeito. E estou com muito medo de parar. Sabe, parar? Deixar de fazer algo que você gosta, entende? Imagina o senhor tendo que parar de fazer o que gosta?

Diga-me: é grave a situação? (Pausa)

Eu faço qualquer coisa para não ter que parar.

Que sentido faz parar?

"Sr. Pierre. Sou apenas um médico. Tome. Aqui está a sua receita! As pomadas são tópicas e para aliviar as dores, faça banhos de assento com camomila, hamamélis e alecrim.

"Mas, doutor, eu tenho ânsia de vômito com esses chás!"

[O palco fica escuro. Pode-se ouvir uma música ao fundo e um cenário que vai, aos poucos, se iluminando. Agora, ele está de calça linho branca e camisa azul de mangas longas. Está descalço. Está sentado na bacia.]

Pierre: Ele queria que eu tirasse a roupa. Mas, eu o beijei como estava: assim! (Aponta para a própria roupa) Eu não queria esclarecer nada. Mas, era impossível manter-me daquela forma: o corpo todo coberto como se eu quisesse esconder algo dele. Mas, ele não entendia certos códigos. Meus novos códigos. No entanto, bastava eu tirar as